



IV EBE

IV ENCONTRO BRASILEIRO
DE ECOLINGUÍSTICA



25 - 27 de junho de 2018

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil



Programação e Caderno de
Resumos



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Biblioteca de Ciências Humanas

A551 IV EBE- Encontro Brasileiro de Ecolinguística 2018 (4: 2018: Fortaleza)
Anais do IV Encontro Brasileiro de Ecolinguística / Organizado por Alexandre
Antônio Timbane.... [et al.] – Fortaleza: Pós-graduação em Linguística da Universidade
Federal do Ceará, 2018.

68p.

Evento realizado de 25 e 27 de Junho de 2018

Vários organizadores

Disponível em: <https://anowogrodzki.wixsite.com/4ebe>

ISSN 2526-740X

1. Ecolinguística. 2. Linguagem. 3. Ecologia. 4. Análise do discurso. I. Timbane,
Alexandre Antônio (org.). II. Título.

CDD 410



IV EBE

IV ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA



UFC

25 - 27 de junho de 2018
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

Programação e Caderno de Resumos



ISSN:

2526-740X

FORTALEZA-CE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

2018

IV EBE

IV ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA



25 - 27 de junho de 2018
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil



Website:

<https://anowogrodzki.wixsite.com/4ebe>

Mídia social:

<https://www.facebook.com/IVEncontroBrasileirodeEcolinguistica/>

FORTALEZA-CE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
2018



IV EBE

IV ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA



25 - 27 de junho de 2018
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

COMISSÃO ORGANIZADORA

Alexandre António Timbane (UNILAB - Francisco Conde, BA): alextimbana@gmail.com

Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB): a.nowogrodzki2@gmail.com

Davi Borges de Albuquerque (SEED/Aracaju): albuquerque07@gmail.com

Dioney Moreira Gomes (UnB): dioney98@gmail.com

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG): kiokoelza@gmail.com

Gilberto Paulino de Araújo (UFT): gilberto@equipetrilhar.com.br

Hildo Honório do Couto (UnB): hiho@unb.br ou hildodocouto@gmail.com

Luiz Carlos Balga Rodrigues (UFRJ): lcbalga@gmail.com

Lutiana Casaroli (UFG): lutiana.rp@gmail.com

Maria Célia Dias de Castro (UEMA): celialeitecastro@hotmail.com

Maria Ivone Alves da Silva (UFR): profivonesilva@gmail.com

Mario Luís Monachesi Gaio (UFF): mlmgaio@gmail.com

Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF): msavedra55@gmail.com

Pierre Guisan (UFRJ): pierrefggu@gmail.com

Ronaldo Mangueira Lima Jr. (UFC): ronaldo.limajr@gmail.com

Rui Manuel Nascimento Lima Ramos (Univ. Minho, Portugal): rllramos@ie.uminho.pt

Stefanie Tunes (Pelotas, RS): stefanietunes@gmail.com

Suani Vasconcelos (UESB-Feira de Santana): suanivasconcelos@bol.com.br

Zilda Dourado Pinheiro (UEG): zildadourado18@gmail.com



25 - 27 de junho de 2018
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

COMISSÃO CIENTÍFICA

Hildo Honório do Couto (UnB)
Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)
Gilberto Paulino de Araújo (UFT)
Zilda Dourado Pinheiro (UEG)
Maria Célia Dias de Castro (UEMA)
Andreia Turolo da Silva (UFC)
Maria da Glória Guará Tavares (UFC)
Vlândia Maria Cabral Borges (UFC)
Paulo Roberto Nogueira de Andrade (UFC)
Maria Fabiola Vasconcelos Lopes (UFC)
Pâmela Freitas Pereira Toassi (UFC)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
SOBRE A UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.....	8
PROGRAMAÇÃO RESUMIDA.....	9
PROGRAMAÇÃO DETALHADA.....	12
RESUMOS.....	22

IV EBE

IV ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA



UFC

25 - 27 de junho de 2018

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

APRESENTAÇÃO



O IV Encontro Brasileiro de Ecolinguística (IV EBE) tem por objetivo divulgar os avanços científicos nos estudos que relacionam linguagem e meio ambiente, relação estudada pela Ecolinguística, inclusive a Linguística Ecológica/Ecolinguística e a Análise do Discurso Ecológica/Ecolinguística (ADE). Enfim, qualquer abordagem aos fenômenos da linguagem que parta da Ecologia, da visão ecológica de mundo, será bem-vinda.

Mais especificamente, as contribuições podem ser nas áreas de Teoria Ecolinguística, Ecolinguística Crítica, Ecologia das Línguas, Ecologia do Contato de Línguas, Ecolinguística e Etnociências, Ecolinguística e Ensino de Línguas, a questão da metodologia na Ecolinguística, entre outros estudos de áreas conexas que contemplem a relação entre língua e meio ambiente.

Tudo isso no âmbito da exoecologia linguística (exterioridade de linguagem), mas a Ecolinguística não deixa de lado a endoecologia linguística, ou seja, questões que na tradição linguística são chamadas de estruturais, mas sempre da perspectiva ecológica.

O IV Encontro Brasileiro de Ecolinguística (IV EBE) é uma realização conjunta do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), com a colaboração da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal de Goiás (UFG), além do inestimável apoio da CAPES.

A realização do IV EBE mostra que os encontros e a Ecolinguística em geral já estão consolidados no Brasil.

A atualidade da discussão sobre a relação que o ser humano estabelece com o meio ambiente também entra como importante justificativa para esse evento, dada a efervescência nos estudos sobre a natureza e a relação entre o ser humano e o seu meio natural, mental e social.

Diante da crescente e alarmante degradação do meio ambiente vital, também os linguistas precisam estar conscientes de que é preciso mudar atitudes.



IV EBE

IV ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA



25 - 27 de junho de 2018
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

SOBRE A UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

A Universidade Federal do Ceará (UFC) foi criada em 16 de dezembro de 1954, e instalada em 25 de junho do ano seguinte. A Universidade é composta de sete campi, denominados Campus do Benfica, Campus do Pici e Campus do Porangabuçu, todos localizados no município de Fortaleza (sede da UFC), além do Campus de Sobral, Campus de Quixadá, Campus de Crateús e Campus de Russas.

A Universidade Federal do Ceará, que há mais de 50 anos mantém o compromisso de servir à região, sem esquecer o caráter universal de sua produção, chega hoje com praticamente todas as áreas do conhecimento representadas em seus campi.

"O universal pelo regional" é o lema da Universidade Federal do Ceará, instituição que busca centrar seu compromisso na solução dos problemas locais, sem esquecer o caráter universal de sua produção.

O IV EBE será realizado no Campus do Benfica, no Centro de Humanidades (CH1), localizado no Benfica, barro centralizado a apenas 6km da zona hoteleira da Beira Mar.

Centro de Humanidades:

<https://www.google.com.br/maps/place/Universidade+Federal+do+Cear%C3%A1+Centro+de+Humanidades/@-3.7406772,-38.5405138,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7c7490f9b1b1fb3:0x2b3dc35fd8e1808a!8m2!3d-3.7406826!4d-38.5383251?hl=pt-BR>

Fonte: <http://ufc.br>

Programação Resumida

Primeiro dia (segunda-feira, 25 de junho de 2018)	
8:00 – 8:30	Últimas inscrições/Credenciamento
8:30 – 9:00	Sessão de abertura
9:00 – 10:00	Palestra de abertura – Alwin Fill
10:00 – 10:15	Coffee Break
10:15 – 12:00	Mesa-Redonda I: Novos Rumos da Ecolinguística
12:00 – 14:00	Intervalo para almoço
14:00 – 15:45	Sessão de Comunicações
15:45 – 16:00	Coffee Break
16:00 – 18:00	Sessão de Comunicações

Segundo dia (terça-feira, 26 de junho de 2018)	
8:00 – 9:00	Palestra – Pere Comellas Casanova
9:00 – 10:30	Mesa-Redonda II: Linguística Ecolinguística – Algumas possibilidades de aplicação
10:30 – 10:45	Coffee Break
10:45 – 12:00	Sessão de Comunicações
12:00 – 14:00	Intervalo para almoço
14:00 – 15:45	Sessão de Comunicações
15:45 – 16:00	Coffee Break

16:00 – 18:00	Sessão de Comunicações
---------------	------------------------

Terceiro dia (quarta-feira, 27 de junho de 2018)	
8:00 – 9:00	Palestra – Dionei Gomes
9:00 – 10:30	Mesa-Redonda III: Análise do Discurso Ecológico/Ecológica (ADE)
10:30 – 10:45	Coffee Break
10:45 – 12:00	Sessão de Comunicações
12:00 – 13:00	Assembleia

Programação Detalhada

Primeiro dia (segunda-feira, 25 de junho de 2018)	
8:00 – 8:30	Últimas inscrições/Credenciamento
8:30 – 9:00	Sessão de abertura
9:00 – 10:00	Palestra de Abertura
	<i>Ecolinguistics: its origin and its evolution in the 21st Century</i> Alwin F. Fill (Universidade de Graz, Áustria)
10:00 – 10:15	Coffee Break
10:15 – 12:00	Mesa-redonda I: Novos rumos da Ecolinguística (Moderador: Ronaldo Manguera Lima Júnior)
	Ecolinguística e Linguagem como Sistema Adaptativo Complexo: Um diálogo possível Marco Antônio de Oliveira (PUC - Minas Gerais)
	Desafios e implicações de uma caracterização ecológica para o construto 'Inteligibilidade em Língua Estrangeira': Reflexões Preliminares Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRS)
	Fonologia: argumentos em prol de uma fonética-fonologia ecossistêmica Hildo Honório do Couto (UnB/NELIM)
12:00 – 14:00	Intervalo/Almoço

14:00 – 15:45	Sessão de Comunicações (Coordenadora: Lutiana Casaroli)	
	14:00 – 14:15	O apaziguamento ritualizado em interações conflituosas entre magistrados Rubens Damasceno-Morais (UFG)
	14:15 – 14:30	Meio Ambiente Espiritual Genis Frederico Schmaltz Neto (ECO-REBEL)
	14:30 – 14:45	Festival do Çairé/Sairé em Alter do Chão: o homen, o lugar e a língua Sirlene Antonia Rodrigues Costa (UFMG)
	14:45 – 15:00	Pensando a adaptação de intérpretes em um ecossistema cultural no além-mar – reflexões iniciais Wesley Alves De Araújo (UFRJ)
	15:00 – 15:15	Há uma Ecolinguística jurídica? Tadeu Luciano Siqueira Andrade (UNB)
	15:15 – 15:30	Territórios virtuais: isolamento ou ampliação do espaço de comunicação? Mario Luis Monachesi Gaio (UFF-FAPERJ)
	15:30 – 15:45	Perguntas/Discussão
15:45 – 16:00	Coffee Break	

16:00 – 18:00	Sessão de Comunicações (Coordenador: Mario Luis Monachesi Gaio)	
	16:00 – 16:15	Mitologia e espaço geográfico Beatriz Furlan Toledo (Unicamp)
	16:15 – 16:30	A língua de MH e as relações interativas de acordo com a ecologia da interação comunicativa Cleber Cezar da Silva (IF Goiano – Campus Urutaí/UNB)
	16:30 – 16:45	O léxico poético de Manoel de Barros à luz da endo e da exoecologia Vera Lúcia Santos Alves (Universidade Católica de Pernambuco) Moab Duarte Acioli (Universidade Católica de Pernambuco)
	16:45 – 17:00	Revisitando a ecolexicografia Davi B. Albuquerque (SEED/NELIM/UFG)
	17:00 – 17:15	<i>Toponymy in Ecolinguistics. Contrasts among different process of naming places</i> Davi B. Albuquerque (SEED/NELIM/UFG) Mahnaz Talebi Dastenaee (Alzahra University) Hamide Poshtvan (Alzahra University)
	17:15 – 17:30	A curraleira enquanto expressão cultural do cerrado João Nunes Avelar Filho (UEG/NELIM)
	17:30 – 18:00	Perguntas/Discussão

Segundo dia (terça-feira, 26 de junho de 2018)	
8:00 – 9:00	Palestra
	<p>O ecossistema linguístico catalão e os discursos sobre as línguas</p> <p>Pere Comellas Casanova (Univestitat de Barcelona)</p>
9:00 – 10:30	Mesa-redonda II: Linguística Ecológica – Algumas possibilidades de aplicação (Moderador: Genis Frederico Schmaltz Neto)
	<p>Avatares: o uso de máscaras digitais em simulacros virtuais</p> <p>Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/NELIM)</p>
	<p>Abordagem linguístico-ecológica da linguagem rural de Major Porto (MG)</p> <p>Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/CNPQ/NELIM)</p>
	<p>Maranhense: e por que não timbira? Discussão gramatical sobre os adjetivos pátrios e gentílicos à luz da Ecolinguística</p> <p>Maria Célia Dias de Castro (UEMA/NELIM)</p> <p>Gisélia Brito dos Santos (UFMA)</p>
	<p>A ecologia da interação comunicativa no jornal “O Popular”</p> <p>Lutiana Casaroli (UFG/NELIM)</p> <p>Elza Kioko Nakayama Nenoki Do Couto (UFG/NELIM)</p>
10:30 – 10:45	Coffee Break

10:45 – 12:00	Sessão de Comunicações (Coordenadora: Maria Célia Dias de Castro)	
	10:45 – 11:00	Letramentos no ensino de língua portuguesa nas escolas da zona rural do município de Manaus: um estudo da Ecolinguística Greicy de Jesus Coelho (UFAM)
	11:00 – 11:15	O topônimo cerrado: considerações ecolinguísticas acerca do termo Kênia Mara de Freitas Siqueira (POSLLI/UEG) (PPGEL/UFG)
	11:15 – 11:30	Cine Holliúdy: o falar cearensês, uma comunidade de fala Maria Lucimar Vieira Bezerra (SEDUC/CE) Ângela Maria Onofre da Silva Lima (SEDUC/CE) Francisco José Assunção da Silva (SEDUC/CE)
	11:30 – 12:00	Perguntas/Discussão
12:00 – 14:00	Intervalo/Almoço	
14:00 – 15:45	Sessão de Comunicações (Coordenador: Gilberto Paulino de Araújo)	
	14:00 – 14:15	Etnoterminologia dos discursos de puxadores de ossos/desmentiduras mundurukú em sua interface ecolinguística Nathalia Martins Peres Costa Dionei Moreira Gomes (UnB)

	14:15 – 14:30	<p><i>Modelo conceptual ecolinguístico baseado en la Teoría General de Sistemas (TGS): una propuesta.</i></p> <p>Celia Rosa González Estay (Universidad Arturo Prat, Iquique-Chile)</p>
	14:30 – 14:45	<p>O rio e o pescador: uma análise do meio ambiente natural da língua na lenda do cabeça de cuia</p> <p>Naziozênio Antonio Lacerda (UFPI)</p>
	14:45 – 15:00	<p>Pesquisa e formação de professores: uma análise dos impactos do TCC no curso de letras-inglês da UFPI em uma perspectiva ecológica</p> <p>Francisco Wellington Borges Gomes (UFPI/UESPI) (UnB)</p>
	15:00 – 15:15	<p>A ecoetnografia como proposta de postura metodológica</p> <p>Roberta Rocha Ribeiro (Universidade Federal de Goiás/Regional Goiás)</p>
	15:15 – 15:30	<p>Alsacia e Martinica: os contatos que originaram o atual cenário linguístico francês</p> <p>Pedrita Mynssen Mello (UFRJ)</p>
	15:30 – 15:45	Perguntas/Discussão
15:45 – 16:00	Coffee Break	
16:00 – 18:00	Sessão de Comunicações (Coordenadora: Vera Lúcia Santos Alves)	
	16:00 – 16:15	<p>A etnotoponímia dos nomes dos distritos das províncias de Gaza e Maputo: uma análise da identidade ecolinguística</p> <p>Alexandre António Timbane (UNILAB)</p>

	16:15 – 16:30	A construção da identidade no ecossistema de um AVA Andreia Turolo-Silva (UFC)
	16:30 – 16:45	Os contatos linguísticos no ES: a história do vêneto em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves Katuscia Sartori Silva Cominotti (UFES)
	16:45 – 17:00	Estudo da comunicação escrita mediada por computador à luz da teoria da complexidade Andreia Turolo-Silva (UFC)
	17:00 – 17:15	Palavra solta: o vocabulário empregado por detentos no complexo penitenciário da Papuda/DF Alessandro Rezende da Silva (ISCP/DF) Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM)
	17:15 – 17:30	A Ecolinguística e o espaço urbano: uma análise de fachadas comerciais da cidade de Goiânia (GO) Natália de Paula Reis (UFG/NELIM) Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM)
	17:30 – 18:00	Perguntas/Discussão

Terceiro dia (quarta-feira, 27 de junho de 2018)	
8:00 – 9:00	Palestra
	Língua Munduruku, Pajés e Amazônia brasileira: diálogos entre a Etnoterminologia e a Ecolinguística Dionei M. Gomes (UnB)
9:00 – 10:30	Mesa-redonda III: Análise do Discurso Ecosistêmica/Ecológica (ADE) (Moderador: Dionei M. Gomes)
	Um estudo sobre o corpo na revista Boa Forma sob a perspectiva da interação comunicativa proposta na ADE Cláudia Borges de Lima Araújo (UFG/NELIM)
	Uma análise do discurso ecológico sobre a prática da excisão na África Ocidental Djiby Mané (Professor no curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC) / (UnB) - Faculdade UnB Planaltina (FUP)
	Língua, cultura e cerveja: um estudo ecolinguístico de rótulos de cerveja artesanal Zilda Dourado (UEG/NELIM)
	<i>De la naturaleza a su mesa: el referente ausente en el conflicto Cresta Roja</i> Diego Forte (UBA)
10:30 – 10:45	Coffee Break

10:45 – 12:00	Sessão de Comunicações (Coordenador: Alexandre António Timbane)	
	10:45 – 11:00	Um estudo multidisciplinar: pensando as interfaces entre Ecolinguística, Etnociências e Etnomedicina Natália de Paula Reis (UFG/NELIM)
	11:00 – 11:15	Diversidade lexical e proficiência em língua estrangeira Lidia Amélia De Barros Cardoso (UFC)
	11:15 – 11:30	Construções tautológicas equativas: a manifestação da cultura na gramática da língua Leosmar Aparecido da Silva (UFG/UFC) Márcia Teixeira Nogueira (UFC)
	11:30 – 12:00	Perguntas/Discussão
12:00 – 13:00	Assembleia	

Resumos

25 de junho de 2018 – Palestra de abertura

ECOLINGUISTICS: ITS ORIGIN AND ITS EVOLUTION IN THE 21ST CENTURY

Alwin F. FILL (D - Universidade de Graz, Áustria)

Abstract: Language was first linked with ecology by Einar Haugen, an American scholar of Norwegian descent (1972). His comparison between biological and linguistic diversity and the interaction between languages are still topics of ecolinguistic research. However, when, in 1990, Michael Halliday gave his talk “New Ways of Meaning: the Challenge to Applied Linguistics”, a new research area was opened, with such topics as the role of language concerning the (biological) environment, the discourse about such phenomena as climate change and the use of animals by humans. Some researchers even say that this talk created the central area of Ecolinguistics, viz. looking at how language (both the grammar and the lexicon) and discourse deal with the relation between humans and their environment. Halliday showed that ‘growthism’ (the grammar of ‘big’ is the grammar of ‘good’) is at the root of ecological problems and how our languages euphemize our use of Nature, e.g. our treatment of animals.

This talk will also deal with the way in which ‘language and ecology’ (now called ecolinguistics) took root in a great number of countries, among them Denmark, Germany, Austria, GB, Australia and Brazil, where a researcher at the Universidade de Brasília made ecolinguistic ideas his own and developed them further. This founder of Brazilian Ecolinguistics was also the mastermind behind creating an internet platform for Ecolinguistics, which is now managed by a scholar in Gloucestershire under the name ‘The International Ecolinguistics Association’. Approaches to language ecology have become known under such titles as ‘Ecosystemic Linguistics’, ‘Positive Discourse Analysis’, the study of ‘greenwashing’ in advertising, and ‘physiocentric language’. It is justified to speak of an ‘evolutionary’ development which Ecolinguistics is undergoing in the 21st century. Ecolinguistics has also set foot in China, where the Chinese worldview is being integrated into this science.

The evolution of Ecolinguistics is already going beyond merely investigating language and discourse. For example, discourse connected with images (‘eco-imagistics’) is already a topic in the *Routledge Handbook of Ecolinguistics* (2017), as is the role of ecological discourse on the internet. In the near future, we will also find ecolinguists looking at language on a meta-level, on which they will enquire how Ecolinguistics can have an impact on human thought and action and how it can be effective against the lack of food in some areas of the world. Ecolinguistics will thus become the science for creating peace through language – a topic which one Brazilian scholar has already made his own.

ECOLINGUÍSTICA E LINGUAGEM COMO SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Marco Antônio de OLIVEIRA (D – PUC, Minas Gerais)

Resumo: Este texto argumenta por um diálogo possível e frutífero entre a ecolinguística (Couto, 2007 e 2013) e a perspectiva da linguagem enquanto um sistema adaptativo complexo (SAC) (F. Capra, 2007, Camazine et. al., 2001). Um ecossistema linguístico é entendido como sendo composto por uma população (P), por um território (T) e por uma língua (L), língua esta entendida como interação (I). Uma vez que as interações se dão entre os indivíduos que compartilham um mesmo território, assim como entre esses mesmos indivíduos e seu meio ambiente, torna-se possível examinar as consequências dessa arquitetura em termos da moldagem diferenciada das emergências linguísticas no eixo do tempo. Do ponto de vista da linguagem enquanto um SAC, podemos observar algumas propriedades que confirmam a perspectiva ecolinguística: *(a)- Os componentes de um sistema complexo são interdependentes e interagem de modo não linear*, o que mostra uma relação estreita com aquilo que se prevê com relação aos ecossistemas natural, mental e social; *(b)- Os sistemas complexos são capazes de exibir comportamento emergente*, numa clara conexão com o conceito de homeostase da ecolinguística, ou seja, sistemas abertos emergem de maneira diferenciada sem perder suas propriedades definitórias; *(c)- Os sistemas complexos oscilam entre um comportamento caótico e não caótico*, o que mostra que as línguas estão em constante alternância entre equilíbrio e desequilíbrio, em razão de sua porosidade ou abertura, refletindo seu caráter dissipativo; *(d)- Os sistemas complexos exibem retroalimentação*, em que uma parte do *output* realimenta o *input*. Na verdade, a retroalimentação é um mecanismo central na auto-organização. Os sistemas complexos contêm, portanto, retroalimentações que influenciam o comportamento do sistema, podendo ser negativas, reduzindo o desvio de um estado almejado, ou positivas quando esse desvio for aumentado.

Sistemas complexos, assim como os ecossistemas, podem, portanto, emergir em diferentes formas e, ainda assim, preservar sua identidade. Isso é assim porque as coordenadas que eventualmente definem um sistema criam um espaço de pontos, e não um único ponto. Esse espaço, ou ‘espaço fase’, consiste de duas partes, um *estado* e uma *dinâmica*. O *estado* é sempre temporário e pode ser definido como sendo a conformação do sistema num determinado ponto do tempo. Sua *dinâmica*, por outro lado, pode ser concebida como sendo um conjunto de instruções que controlam as possibilidades de alterações de estado ao longo do tempo. Um *estado* cria sempre a impressão de ordem, enquanto a *dinâmica* cria a impressão de desordem, que é apenas a multiplicidade de estados que um sistema pode exibir no eixo do tempo. Pode-se dizer que, em ambas as perspectivas, recusa-se uma visão da linguagem humana, bem como de sua emergência nas línguas naturais, como algo desgarrado do tripé P-T-I.

Palavras-chave: Ecolinguística. Sistemas adaptativos complexos. Auto-organização.

**DESAFIOS E IMPLICAÇÕES DE UMA CARACTERIZAÇÃO ECOLÓGICA
PARA O CONSTRUTO ‘INTELIGIBILIDADE EM LÍNGUA ESTRANGEIRA’:
REFLEXÕES PRELIMINARES**

Ubiratã Kickhöfel ALVES (D – UFRS)

Resumo: No cenário de ensino e pesquisa em Língua Estrangeira, o termo ‘Inteligibilidade da Fala’ tende a ser frequentemente trazido à discussão. Sendo tal construto geralmente referido como o grau de “entendimento” possibilitado pela fala em L2 (cf. Derwing & Munro, 2015), diversas são as metodologias experimentais que buscam quantificá-lo. Consideramos, entretanto, que tal construto tem sido problematicamente caracterizado, por ser apresentado de modo desvinculado de uma concepção que o sustente epistemologicamente. A partir deste quadro, nesta apresentação, propomos uma reflexão acerca dos desafios, bem como das implicações, de pensarmos a inteligibilidade de fala em L2 a partir de uma concepção ecológica. Estabelecida esta necessidade, esperamos levantar aspectos que possam representar um primeiro passo para uma caracterização neste âmbito. Amparados por estudos sobre uma concepção ecológica da percepção dos sons (Gibson, 1966; Fowler, 1986; Best & Tyler, 2007; Perozzo, 2017), refletiremos que, ainda que partamos de estudos perceptuais já estabelecidos, a caracterização que buscamos implica muitíssimo mais do que a percepção do código oral *per se* (Alves & Silva, 2016), dado que a inteligibilidade apresenta caráter multimodal. Julgamos fundamental, além disso, uma caracterização mais clara sobre o ambiente em que acontece a interação, bem como os seus agentes. A Inteligibilidade, ao considerarmos quem fala, seus propósitos e o lugar de onde tais indivíduos falam, assume um caráter emergente (De Bot *et al.*, 2013). É caracterizada, dessa forma, por uma alta complexidade (cf. Lowie, 2017), aspecto esse que consideramos fundamental. Tais características impõem novos desafios tanto conceituais quanto metodológicos. Esperamos, com a discussão inesgotável que aqui se inicia, prover insumos e reflexões iniciais para uma caracterização de inteligibilidade que, amparada nas premissas ecológicas, possibilite que pensemos tal construto como mais dinâmico e adaptativo.

FONELOGIA: ARGUMENTOS EM PROL DE UMA FONÉTICA-FONOLOGIA ECOSISTÊMICA

Hildo Honório do COUTO (D – UnB)

Resumo: Contrariamente ao que propuserem o pioneiro Edward Sapir e ao pai da Ecolinguística, Einar Haugen, grande parte dos que se intitulam ecolinguistas praticam o que poderíamos chamar de Linguística Ambiental. Geralmente tratam de textos-discursos que pretendem dar uma imagem de “amigas do meio ambiente” mesmo de empresas que claramente o depredam. Isso é claramente uma das tarefas da disciplina, mas não só. Como ela encara os fenômenos da linguagem de uma perspectiva holística, abrangente, não pode ignorar questões “estruturais”, de “gramática”. É o que pretendo fazer nesta apresentação. Como já adiantei no artigo “Estudos gramaticais à luz da linguística ecossistêmica” (*Scripta* v. 20, n. 28, 2016), por seguir a visão ecológica de mundo e a teoria dos sistemas complexos, em vez de “estruturas” falamos em redes, redes de interações ou redes de interações orgânicas. O ponto de partida, especificamente, é o ecossistema, com suas dimensões população (P), território (T) e interações (I). Considerando P, T e I como termos técnicos, podemos detectar, apenas na dimensão sonora da linguagem, pelo menos três ecossistemas, ou seja, o **ecossistema articulatório**, o **ecossistema perceptivo** e o **ecossistema fonológico**, que abrange os dois, numa visão integradora, que não separa “fonética” e “fonologia”. Cada ecossistema linguístico é uma porta para se adentrar a visão ecológica de mundo, onde tudo será visto de modo diferente. Algumas maneiras de ver esses fenômenos de modo diferente serão apresentadas. Por fim, o objetivo não é postular “ecossistemas” *ad infinitum*, mas mostrar que eles são um bom ponto de partida para se tentar apresentar novas interpretações para fenômenos já conhecidos.

25 de junho de 2018 – Sessão de comunicações (14:00 – 15:45)

O APAZIGUAMENTO RITUALIZADO EM INTERAÇÕES CONFLITUOSAS ENTRE MAGISTRADOS

Rubens DAMASCENO-MORAIS (D - UFG)

Resumo: Com base em uma visão de estudos da Ecolinguística – ADE – segundo a qual se deve enfatizar numa interação o polo de harmonização de um conflito, neste breve estudo destacaremos as formas como magistrados apresentam um ponto de vista contrário ao de seus debatedores, em sessões de deliberação em um tribunal brasileiro, de forma harmoniosa. Analisaremos, assim, algumas marcas linguísticas que indicam uma forma de “permissão” necessária para que os membros de uma mesa de deliberação possam discordar uns dos outros. Tais marcas, que ali exercem o papel de formulas de polidez (Brown & Levinson, 1987), além de proporcionarem elevada carga retórica ao texto, revelam-se tributárias de um contexto em que as relações de poder são altamente ritualizadas. Naquele espaço, como mostraremos, existe uma mecânica organizacional que tenta evitar atos de ameaça à face (*Face Threatening Act/FT*) pelos próprios magistrados, em suas deliberações. Os trechos de julgamentos selecionados mostrarão ainda que tais inserções discursivas parecem misturar, de maneira bastante eficaz, o *epainos* e o *enkomion*, sobre os quais nos fala Aristóteles (*Rhétorique*, Livre 1, ch 9, 1367 b 25), característicos do gênero epidítico do discurso. Como veremos ainda, tais intervenções elogiosas atuam como eficazes amenizadores (*adoucisseurs*) de conflito, nos momentos de deliberação, o que corrobora a visão holística, delineadora da Ecolinguística (Couto, 2015). Para a análise que propomos, servir-nos-emos de alguns estudos no campo da Retórica, da Argumentação e da Interação, lançando mão de leituras de autores como Plantin (1990, 1996, 2013), Kerbrat-Orecchioni (2012), Perelman (1999), Aristóteles entre outros, para desenvolvermos a análise que propomos. Tal estudo, ainda, advém de pesquisa maior e que trata da construção do acordo e do assentimento, entre magistrados, em contexto de tribunal.

Palavras-chave: (Des)acordo. Argumentação. Interação. Tribunal.

MEIO AMBIENTE ESPIRITUAL

Genis Frederico SCHMALTZ NETO (ECO-REBEL)

Resumo: Esta comunicação discute a existência de um meio ambiente espiritual – possível categorização designada para estudos ecossistêmicos cujo enfoque envolva uma comunidade religiosa – e suas especificações. Para isso, propõe definições perpassadas pela Visão Ecológica de Mundo para os termos “religião” e “espiritualidade”, além de fazer uma breve análise da comunidade religiosa Vale do Amanhecer, embasadas nos estudos de Piazza (1976), Capra (1991), Couto (2007) e Schmaltz (2017). Assim como a tríade ecolinguística pressupõe a existência de três meios ambientes, o aspecto religioso do ecossistema pressupõe um simulacro cujo enfoque vislumbra as características próprias das inter-relações espirituais como mitos, ritos e as transições entre dimensões realizadas por falantes.

Palavras-chave: Meio ambiente espiritual. Religião. VEM. Vale do Amanhecer.

FESTIVAL DO ÇAIRÉ/SAIRÉ EM ALTER DO CHÃO: O HOMEN, O LUGAR E A LÍNGUA

Sirlene Antonia Rodrigues COSTA (PG – UFMG)

Resumo: O estudo a ser apresentado é resultado de uma pesquisa realizada na Vila de Alter do Chão – PA e teve como propósito principal descrever como se dão algumas interações e inter-relações entre as pessoas que compõem aquela comunidade de fala ou aquele ecossistema linguístico e o meio ambiente, intermediadas na e pela língua/linguagem, considerando especificamente os contextos relacionados à Festa do Çairé/Sairé. Estas interações e inter-relações são expressas por meio da escolha das temáticas e dos recursos discursivos com empregos recorrentes durante o festival. As análises e discussões foram fundamentadas nas concepções e pressupostos da Ecolinguística, a partir da tríade: língua (L), povo/população (P) e o território (T) e foram fundamentadas nas teorias de Sapir, Mühlhäusler, Haugen, Sapir, Couto, Nenoki do Couto, entre outros. Os usos de algumas palavras e expressões, em contextos linguísticos tão específicos como os falantes que as empregam, os elementos míticos, normativos e discursivos que compõem as “teias” de interação que se dão acerca do festival, demonstram que há um comungar de ideias, crenças, costumes e valores que se convergem para uma similitude, com o objetivo de darem “vida” aos acontecimentos do festival.

Palavras – chave: Festival Çairé/Sairé. Língua/Linguagem. População. Território.

PENSANDO A ADAPTAÇÃO DE INTÉRPRETES EM UM ECOSISTEMA CULTURAL NO ALÉM-MAR – REFLEXÕES INICIAIS

Wesley ALVES DE ARAÚJO (PG-UFRJ)

Resumo: Seja na Europa, África ou na América, sabemos que os intérpretes exerceram papel fundamental no que diz respeito à tradução oral de negociações, recepções ou simples conversas entre pessoas que falavam diferentes ou a mesma língua, a depender do caso. Com base na visão ecológica de mundo e no conceito de ecossistema cultural, abordados por Couto (2018), o presente trabalho tem como recorte histórico a Era das Grandes Navegações, e visa a observação do hibridismo decorrente do contato cultural entre intérpretes europeus, pertencentes a determinado ecossistema cultural, e o ambiente no qual se inseriam ou eram inseridos, um ecossistema cultural diferente do seu. Nesse contexto, estudamos situações específicas de intérpretes africanos de ascendência portuguesa que precisavam lidar com um dilema ainda mais profundo no que concerne à questão identitária. Afinal, qual era a sua identidade? Isso deixa ainda mais nítida a necessidade de adaptação destes indivíduos a partir do entre-lugar em que se encontravam, pois se por um lado temos a cultura africana na qual nasceram, do outro observamos sua origem europeia e, o mais importante, a função social, linguística e política que tinham de exercer. Na França Antártica, os intérpretes franceses, por sua vez, tiveram também de lidar com divergências culturais, caso específico que nos leva à conclusão de que em determinados contextos, o processo de aculturação se deu de tal forma ao ponto de criar situações conflituosas entre esses indivíduos e seus líderes europeus.

Para este trabalho, serão usados como base Couto (2018), para o tratamento das questões que envolvem a ecolinguística, Lang (2016), no que diz respeito à situação dos intérpretes na África durante o século XVII, e o relato de viagem de Jean de Léry (1578).

Palavras-chave: Intérpretes. Intermediação. Ecossistema Cultural. Línguas e culturas em contato.

HÁ UMA ECOLINGUÍSTICA JURÍDICA?

Tadeu Luciano Siqueira ANDRADE (PG - UNB)

Resumo: A língua existe porque há falantes que a usam como código e interação. Os falantes compartilham os mesmos hábitos linguísticos no território onde estão inseridos vivem e convivem, interagindo na vida cultural, político-social. Dessa forma, temos um Povo que habita em um determinado espaço físico (Território) e, intermediado pela Língua estabelecem diversas relações. A junção de Povo, Língua e Território forma o que denominamos de Ecossistema Linguístico. Sem essa tríade, não teremos o Ecossistema Funcional da Língua, uma vez que para haver qualquer interação é necessário que esses três elementos estejam interligados. O falante, interagindo com os outros, ativa simultaneamente o meio ambiente social, meio ambiente mental e o meio ambiente físico da língua. Por isso, não haverá qualquer interação caso um desses elementos não esteja presente no processo comunicativo. Este trabalho analisa as relações jurídico-consumeristas, considerando a tríade Juiz – Partes e Processo. O direito é dito pelo Juiz mediante um conjunto de atos sucessivos, ou seja, o processo que, graças à língua, vincula as partes. Baseados nos dados coletados em uma audiência no Juizado de Defesa do Consumidor (Estado da Bahia) e adotando os pressupostos teórico metodológicos da Ecolinguística, constatamos que, na relação jurídico consumerista, havia um sujeito que, por não conhecer a linguagem forense, não interagiu na relação processual. Recorrendo aos estudos de Couto (2009, 2014), Araújo (2014), Albuquerque (2015), Neves e Tosta (1992) Pires (2010), Colares (2009), Calmos de Passos (1999), Warrat (1982) e outros, ainda conciliando a Ecolinguística e o Direito, apesar de essas ciências apresentarem especificidades, convergem em um ponto, a língua. A linguagem utilizada em contextos institucionais constitui um abuso pelos que detém o poder. Tomando tendo em vista os princípios da Ecolinguística e a relação entre linguagem do cidadão comum e linguagem jurídica, buscaremos responder se é possível uma ecolinguística jurídica.

TERRITÓRIOS VIRTUAIS: ISOLAMENTO OU AMPLIAÇÃO DO ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO?

Mario Luis MONACHESI GAIO (Post doc - UFF-FAPERJ)

Resumo: Este trabalho propõe duas questões. A primeira, uma revisão conceitual de território nos estudos ecolinguísticos em virtude dos avanços tecnológicos recentes, que têm provocado profundas mudanças nas formas de interação humana e, para entendê-las, é necessário observá-las criteriosamente. A segunda, uma discussão sobre Comunhão e Descomunhão de acordo com as definições propostas por Couto (2015; 2017) e Matos et al. (2014). É patente que algumas novas ferramentas tecnológicas nos permitem conversar animadamente em contextos formais ou informais e com diversas pessoas. Vale dizer que aumentamos o tempo dedicado às interações comunicativas. Entretanto, tais interações não são realizadas face a face, e muitas vezes um indivíduo pode ser flagrado fisicamente num lugar, mas mentalmente em outro, transmitindo a sensação de que esteja isolado do mundo real. Essa condição, absolutamente nova nas relações humanas, merece ser observada e estudada, uma vez que são Atos de Interação Comunicativa regulares e cada vez mais frequentes, mas não acontecem num território fisicamente observável. Servem também para unir indivíduos e grupos distantes fisicamente, como verificaram Gaio (2017) com descendentes de imigrantes italianos e Monteagudo (no prelo) com emigrantes galegos, e não carecem obrigatoriamente de um espaço físico real. Mas em que medida esse espaço virtual pode ser comparado a um Território, como na tríade Povo-Língua-Território que compõe o Ecossistema Fundamental da Língua? Poderia ser parte de um imaginado Ecossistema Artificial da Língua? Ou seria esse espaço uma extensão do Ecossistema Social da Língua? Nesses novos AIC, os sujeitos, os domínios (GUMPERZ, 1982) e seus papéis sociais são os mesmos de sempre. E como em qualquer interação, há regras interacionais envolvidas (COUTO, 2017), mas a regra sistêmica tende a seguir caminhos próprios, pois o registro usado é quase sempre escrito, mas com aproximação deliberada ao oral.

Palavras-chave: Ecossistema social da língua. Atos de interação comunicativa. Comunhão. Descomunhão.

25 de junho de 2018 – Sessão de comunicações (16:00 – 18:00)

MITOLOGIA E ESPAÇO GEOGRÁFICO

Beatriz Furlan TOLEDO (PG – Unicamp)

Resumo: Um mito de origem narra como uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição (Eliade, 1963, p. 9). Os mitos indígenas são tomados por Lévi-Strauss (1973, 1978) como fontes de conhecimento em sociedades sem escrita e a originalidade do pensamento mitológico, para o autor, é desempenhar o papel do pensamento conceitual. Hoje, os mitos são usados pelos próprios povos indígenas com diferentes objetivos como, por exemplo, para fundamentar reivindicações territoriais e políticas ou também para que a língua e a sua mitologia sejam ensinadas às crianças. O mito é parte integrante da língua, é pela palavra que ele se apresenta (Lévi-Strauss, 1978). A proposta desse trabalho é discutir a relação entre espaço geográfico e mitologia indígena em uma perspectiva que dialoga com a Ecolinguística, uma vez que para a análise realizada, é considerado fundamental o elo entre as pessoas (P) e o espaço (T) e como ocorre a apropriação simbólica desse espaço físico por seus habitantes. O objetivo é explorar como a percepção do espaço físico é representada subjetivamente por meio da língua em mitos de origem dos povos Jê. O foco principal do trabalho está nas relações entre i) o mito de origem Laklãnõ (Xokleng) em uma versão registrada por Wanda Hanke (1947) e ii) o mito de origem dos Kaingang registrado por Telêmaco Borba (1908) com estudos arqueológicos sobre os ancestrais dos Jê Meridionais, com ênfase especial para a representação das chamadas “casas subterrâneas” que aparecem nesses registros arqueológicos. Porém, são feitas, também, algumas considerações sobre mitos Krahô, Kayapó e Xikrin (Jê Setentrionais) que relatam a existência de “um mundo subterrâneo” e de “homens subterrâneos”.

Palavras-chave: Mito. Jê Meridionais. Família Jê. Espaço.

A LÍNGUA DE MH E AS RELAÇÕES INTERATIVAS DE ACORDO COM A ECOLOGIA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA

Cleber Cezar da SILVA (D - IF Goiano – Campus Urutaí/ PG - UNB)

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar a interação comunicativa de MH, uma ouvinte, que por problemas de saúde teve comprometimento na fala e faz uso de uma língua mista – gestos que fazem relação com o que deseja expressar e palavras ou morfemas, que expressam se relacionam com o objeto ou indivíduo a que faz referência. O recorte teórico que dá sustento a nossa pesquisa é a Ecolinguística, mais precisamente a Ecologia da Interação Comunicativa e os principais pesquisadores da área são: Couto (2007, 2014, 2015, 2017), Haugen (2016), Mafwene (2016) e outros que tenham os mesmos objetivos e relações com o nosso estudo. No decorrer fazemos uma breve discussão de língua, já que a Interação Comunicativa é o núcleo da língua para a Ecolinguística. O método da pesquisa é um estudo de caso, numa abordagem qualitativa a vista da análise linguística, de acordo com a multimetodologia que assegura os estudos ecolinguísticos, de acordo com Albuquerque (2015). Assim, procedemos com a análise do processo interacional/comunicativo de MH por meio da transcrição de áudios, e, nesse ínterim tivemos como premissa, investigar no fluxo interlocucional as regras interacionais e sistêmicas. Por fim, observamos que MH, faz uso de uma língua mista (oralizada e gestual), que faz referência com o ambiente que a mesma está inserida, desta forma, ela cumpre com algumas regras interacionais e estabelece relações com o uso das regras sistêmicas.

Palavras-chave: Ecologia da Interação Comunicativa. Análise Interativa. Língua de MH.

O LÉXICO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS À LUZ DA ENDO E DA EXOECOLOGIA

Vera Lúcia Santos ALVES (Universidade Católica de Pernambuco)

Moab Duarte ACIOLI (Universidade Católica de Pernambuco)

Resumo: Esta pesquisa objetiva analisar a dimensão semântica do léxico poético de Manoel de Barros sob aspecto ecolinguístico da endo e da exoecologia, categorias da Análise do Discurso Ecológica. Os aspectos a serem analisados dizem respeito à dimensão semântica das palavras poetizadas no “idioleto” do poeta, considerado, para isso, os contextos internos e externos da produção. O trabalho se faz sob a abordagem da Linguística Ecolinguística de Hildo Honório do Couto e os estudos sobre as lexicalizações de Aparecida Negri Isquero. Observamos que a estruturação semântica da poética barriana se intensifica na relação com a ecolinguagem no âmbito endoecológico e dialoga com temáticas multidisciplinares da linguagem na esfera da exoecologia.

Palavras-chave: Lexico. Ecolinguística. poesia.

REVISITANDO A ECOLEXICOGRAFIA

Davi B. ALBUQUERQUE (SEED/NELIM/UFG)

Resumo: O termo ‘ecolexicografia’ foi proposto primeiramente por Sarmiento (2000). A ecolexicografia pode ser definida de duas maneiras: uma ciência que, formada a partir das duas áreas supracitadas existentes no próprio termo (ecolinguística e lexicografia), busca apresentar teorias e metodologia próprias para a elaboração de obras ecolexicográficas; uma técnica que fornece elementos para a elaboração e análises macroestruturais e microestruturais. Esta disciplina não trata da elaboração de dicionário de Ecologia ou de termos ecológicos, mas de um trabalho de reflexão e elaboração dos verbetes dos dicionários pensando nos efeitos e resultados que cada lexema traz aos indivíduos (espécie interagindo dentro do ecossistema) e para o planeta (o ecossistema), além de trazer definições e abonações que estejam mais em acordo com a visão ecológica de mundo, mas tudo isso sem perder de vista o uso da língua. De acordo com o que foi exposto, a presente comunicação visa ampliar teórica e metodologicamente a proposta ecolexicográfica original, por meio da discussão de conceitos da linguística ecossistêmica e suas possíveis contribuições à ecolexicografia e apresentar subsídios para uma metaecolexicografia. Como um dos resultados, o que se busca nesta comunicação é fazer um apelo aos ecolinguistas, que parecem ter esquecido, ou ao menos negligenciado, esta área da Ecolinguística, enfatizando os benefícios que podem vir do trabalho ecolexicográfico tanto para a comunidade científica, como para a comunidade escolar.

Palavras-chave: Ecolinguística; Ecolexicografia; Lexicografia; Linguística Ecossistêmica.

**TOPONYMS IN ECOLINGUISTICS: CONTRASTS AMONG DIFFERENT
STRATEGIES OF NAMING PLACES IN IRAN AND BRAZIL**

Davi B. ALBUQUERQUE (SEED – NELIM/UFG)

Mahnaz Talebi DASTENAEE (Alzahra University)

Hamide POSHTVAN (Alzahra University)

Abstract: Ecolinguistics and Toponymy are both marginal to General Linguistics. On one hand, the main contribution that Toponymy can provide is the knowledge of interactions between human and nature inside a linguistic environment. On the other hand, Ecolinguistics can offer distinct methodologies, tools of analysis and conspicuous frameworks to placenames. This work discuss theoretic and methodological issues regarding traditional Toponymy studies and the contributions that Ecolinguistics can present to this area. Furthermore, in order to clear up our assumptions on the relations between Ecolinguistics and Toponymy, we analyze data from two distinct places – two linguistic environments – one in Sergipe (Northeastern Brazil) and other in Guilan (Northern Iran), with different naming places mechanisms. The main mechanism is the influence of Territory physical traces on the place name, but there are several other, such as: the relations with the local inhabitants history or behavior, mental, nature or culture features as well. These namingplaces instruments reveal information about the Language, the People and the Territory of those places.

A CURRALEIRA ENQUANTO EXPRESSÃO CULTURAL DO CERRADO

João Nunes AVELAR FILHO (D - UEG)/NELIM)

Resumo: A presente abordagem pretende estabelecer uma correlação entre os ecossistemas natural e cultural do Cerrado Goiano no desdobramento da Dança Popular da Curraleira. O objetivo é tentar compreender como que o principal território por onde avança o agronegócio ainda sobrevive mediante tantas ameaças. Essa manifestação retrata padrões intrínsecos de preservação e revitalização e seria uma maneira razoável de compreender essa problemática. Portanto, as respostas podem ser encontradas nas narrativas de expressões culturais de comunidades camponesas e originárias tais como essas que ainda preservam seus costumes. A Ecolinguística, dentre todas as ciências ecológicas, talvez seja a que mais demande uma especialidade linguístico-cultural regional, devido ao atual estágio centralizador, que ainda insiste em agrupar o conhecimento de maneira uniformizada. Nesse sentido, a teoria da linguística ecossistêmica de Couto (2012) se interpõe enquanto visão ecológica de mundo e como forma de compreender a vida no campo.

Palavras-chave: A Dança da Curraleira. Preservação. Revitalização Cultural no Cerrado.

26 de junho de 2018 – Palestra

O ECOSISTEMA LINGUÍSTICO CATALÃO E OS DISCURSOS SOBRE AS LÍNGUAS

Pere Comellas CASANOVA (D - Univesitat de Barcelona, Catalunya)

Resumo: Durante o século XX a Europa viu sua diversidade linguística consideravelmente reduzida. Os tradicionais discursos linguicidas junto aos novos factores e recursos homogeneizadores contribuíram significativamente para esse empobrecimento. Assim, variedades linguísticas que já foram hegemônicas nos seus territórios históricos viram enormemente limitadas suas funções e seus falantes foram massivamente bilinguizados. Todo esse processo aconteceu num quadro discursivo majoritariamente diversóforo. Os territórios historicamente catalanofalantes constituem um interessante estudo de caso, por várias razões. Em primeiro lugar, oferecem uma grande variedade de situações, da avançada substituição linguística da pequena parte da Catalunha sob administração francesa à enorme pressão migratória aloglota (primeiro hispanofalante e nos últimos anos muito mais multilíngue) na maior parte do domínio linguístico. Em segundo lugar — pelo menos numa parte — a língua catalã conseguiu preservar uns níveis de vitalidade linguística suficientemente altos para escapar da consideração de «língua ameaçada» pela UNESCO e hoje faz funções inéditas para a maior parte das línguas chamadas regionais europeias. Em terceiro lugar, a língua constitui a principal senha de identidade diferencial com respeito a outras regiões da Espanha, e fundamenta um antigo, variegado e sólido nacionalismo de resistência socialmente transversal. Em resumo, o ecossistema catalão constitui uma raridade no quadro europeu por quanto, ao tempo que mostra em certas zonas sintomas de um claro retrocesso que conduz quase com certeza à desapareção, noutras zonas aparece como uma possibilidade de sobrevivência linguística sem necessidade nem de isolamento (hoje a sociedade catalã é extremamente multilíngue) nem de independência política. Hoje a situação é altamente dinâmica, com um conflito político aberto com o estado espanhol e uma parte importante da sociedade claramente favorável à ruptura com a Espanha.

Nas últimas décadas surgiram várias linhas discursivas sobre o papel das línguas na sociedade, muitas delas claramente confrontadas e com frequência muito influenciadas pelo contexto social, político e linguístico concreto. A partir de algumas dessas linhas — refletidas em textos acadêmicos, jornalísticos ou jurídicos — tentarei oferecer uma visão geral das ideologias linguísticas no ecossistema catalão.

26 de junho de 2018 – Mesa-Redonda II: Linguística Ecolinguística – Algumas possibilidades de aplicação

AVATARES: O USO DE MÁSCARAS DIGITAIS EM SIMULACROS VIRTUAIS

Anderson NOWOGRODZKI DA SILVA (PG - UnB/NELIM)

Resumo: A interação comunicativa acontece, prototipicamente, dentro de um ecossistema linguístico, que é definido por Couto (2007) como o resultado da relação entre três elementos, sejam eles: uma população, uma língua e um território. Dessa forma, observam-se, em geral, nos estudos ecolinguísticos, as interações linguísticas que se desenvolvem entre interactantes num mesmo espaço. Porém, aprecia-se neste trabalho a extrapolação da comunicação face a face por meio do desenvolvimento tecnológico, na medida em que a internet e as redes digitais dão forma a complexos interacionais virtualizados, nos quais indivíduos se relacionam comunicativamente. O fenômeno da virtualização das interações decorre do processo de desterritorialização, que pode ser definido pela quebra no triângulo basilar do ecossistema linguístico, em que os espaços físicos das interações se perdem e passam a ser substituídos por simulacros virtuais, munidos de ferramentas que permitem emular as regras interacionais presentes na conversação. Apontar definições que melhor abarquem os conceitos de simulacro virtual e avatar, bem como analisar seu papel nas relações intersubjetivas é a tarefa a qual o presente trabalho se propõe. Pensa-se, portanto, nos contrastes que a interação comunicativa virtual produz. Por um lado, promove-se a democratização das informações e das opiniões de forma globalizada, por outro, abre-se uma lacuna para a criação de máscaras digitais, enquanto produção de identidades que podem ser aproximações, distorções, ou criações fantasiosas em relação ao sujeito que as produz. Como base teórica para este estudo, utilizaram-se Couto (2007), como fundamento para os conceitos da Ecolinguística e Vetromille-Castro e Ferreira (2015), como suporte para o conceito de redes digitais. Percebeu-se que os simulacros virtuais possibilitam reproduzir a realidade e conectar interagentes em diferentes tempos e espaços. O afastamento espacial, a maleabilidade temporal e a ausência de um corpo físico permitem ao indivíduo modelar suas identidades e projetá-las num simulacro, dando forma a novos modos de interagir que não são previstos pela interação comunicativa prototípica.

Palavras-chave: Interação comunicativa virtual. Simulacro virtual. Avatar. Identidades.

ABORDAGEM LINGUÍSTICO-ECOSSISTÊMICA DA LINGUAGEM RURAL

Elza Kioko Nakayama Nenoki do COUTO (UFG/CNPQ/NELIM)

Resumo: O objetivo principal desta comunicação é apresentar alguns dos conceitos da **Linguística Ecológica** que serão utilizados no estudo da **linguagem rural** da localidade de Major Porto, município de Patos de Minas (MG). Com os conceitos, serão apresentadas algumas das novas inovações interpretativas dos dados já coletados em março de 2018. Entre eles temos o de **ecossistema linguístico**, sobretudo em sua variedade **comunidade de fala**, que nos permite ver a comunidade local como uma unidade linguística constituída de um povo (**P**), em seu território (**T**) e interagindo pelo modo tradicional de interagir, sua linguagem (**L**), com o que já temos uma definição de língua (**língua é interação**). Isso nos leva ao núcleo de L, as **regras interacionais**, de que as **regras sistêmicas** são parte. Veremos que tudo isso tem consequências teórico-metodológicas importantes. Primeiro, a L local não é derivada do **português estatal**, ou seja, ela será estudada pelo que tem, não pelo que não tem (concordância de número, o fonema /lhe/ etc.). Algumas outras características da L local serão apresentadas, como a presença de termos não mais usados no **português urbano** nem no estatal (derradeiro etc.). Enfim, Major Porto será apresentada como uma comunidade de fala também porque seus membros vivem em **comunhão**, com o que os discursos locais podem parecer ininteligíveis a quem não é do local.

MARANHENSE. E POR QUE NÃO TIMBIRA?
DISCUSSÃO GRAMATICAL SOBRE OS ADJETIVOS PÁTRIOS E
GENTÍLICOS À LUZ DA ECOLINGUÍSTICA

Maria Célia Dias de CASTRO (D - UEMA)

Gisélia Brito dos SANTOS (D - UFMA)

Resumo: No léxico da língua, os adjetivos pertencem a uma classe de nomes que se juntam aos substantivos para acrescentar-lhes significados e características, exercendo papel fundamental na descrição dos objetos e dos eventos do mundo. Nesse conjunto lexical, quando se refere à nação, o qualificativo denomina-se adjetivo pátrio, ser “brasileiro”; da mesma forma, à naturalidade, ser “maranhense” e não “timbira”, por exemplo. Mas ao se pensar no povo, pessoas com costumes similares que habitam determinadas localidades, o conceito acionado é o gentílico, como “potiguar”, “gaúcho”, “capixaba”. Os adjetivos pátrios derivam do nome do lugar ou da nação, no que decorre chamarem-se *pátrios*. Esses adjetivos podem também ser chamados *gentílicos* ou *étnicos* quando são designativos de raça ou região de origem. Muitos autores não diferenciam os que fazem referência ao lugar, à nacionalidade, à pátria dos que referenciam determinados grupos humanos de procedência comum. Esses dois pontos de vista muito interessam à perspectiva de análise ecolinguística, aporte teórico que estuda as inter-relações entre o homem, a língua e o meio ambiente ou território, em sua totalidade, o ecossistema linguístico (COUTO, 2007). Dessa perspectiva decorre a importância de centrar a investigação no homem com suas origens que o instituem; no meio ambiente como espaço territorial identitário em que a língua se realiza; e na língua, que referencia essa relação do homem com o território. Diante disso, este trabalho tem o objetivo de investigar em algumas gramáticas tradicionais o que elas apontam como adjetivo pátrio e como gentílico com o propósito de verificar essa correlação com a linguística ecossistêmica. Os procedimentos metodológicos são dedutivos, com uma análise *a priori* onomasiológica e uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória e explicativa. A análise é bibliográfica e documental com a seleção dos dados nessas gramáticas. Os resultados preliminares apontam para a não diferenciação entre adjetivos pátrios e gentílicos na maioria das gramáticas analisadas.

Palavras-chave: Investigação. Adjetivos Pátrios. Adjetivos Gentílicos. Ecolinguística.

A ECOLOGIA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA NO JORNAL “O POPULAR”

Lutiana CASAROLI (PG - UFG)

Elza Kioko Nakayama NENOKI DO COUTO (D - UFG)

Resumo: O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a Ecologia da Interação Comunicativa no Jornal impresso “O Popular”. A fundamentação teórica que sustenta a proposta é a Ecolinguística ou Linguística Ecológica trabalhada por Couto (2007, 2015, 2016) e Nenoki do Couto (2012, 2016). Para tanto, adota-se o paradigma ecológico, a ecologia profunda e a visão ecológica de mundo como fontes teóricas inspiradoras. A metodologia da Linguística Ecológica é de natureza múltipla, portanto aqui adotaremos a análise e descrição dos dados aplicados a seis categorias que são os elementos da ecologia da interação comunicativa: cenário, falante (F) e ouvinte (O), assunto, regras interacionais, regras sistêmicas e comunhão. O corpus de análise é composto por uma publicação do jornal “O Popular”, do dia 04 de abril de 2016, que tem por assunto ou conteúdo a própria mídia jornalística. A partir de uma análise descritiva da Ecologia da Interação Comunicativa do jornal impresso “O Popular”, pode-se concluir que apesar de a interação não ser prototípica, ser do tipo quase mediada, pode-se notar que o cerne da linguagem é mantido, de modo particular, mas dando garantias para que os atos de interação comunicativa se mantenham no tempo e no espaço em nome da sobrevivência.

Palavras-chave: Paradigma Ecológico. Ecolinguística. Ecologia da Interação Comunicativa. Ecossistema Linguístico.

26 de junho de 2018 – Sessão de comunicações (10:45 – 12:00)

LETRAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS DA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE MANAUS: UM ESTUDO DA ECOLINGUÍSTICA

Greicy de Jesus Coelho (PG/UFAM)

Resumo: Numa perspectiva de analisar os aspectos fundamentais da manifestação da linguagem em seu contexto dinâmico de localidade este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento que tem como objetivo geral realizar uma análise de entendimento do funcionamento da língua em sua realidade ecolinguística como uma ferramenta de ensino e aprendizagem para o letramento direcionada a educação do campo nas escolas da zona rural do município de Manaus. Seus objetivos específicos são identificar as (inter) relações da língua (léxico, sintático e semântico) com o meio ambiente, as quais, somadas as práticas educativas de aprendizagem desencadeiam o letramento contextualizado e observar as habilidades linguísticas do aluno consciente de sua importância em todas as esferas da sociedade a que pertence. O aporte teórico que embasa este trabalho constitui-se dos seguintes estudos: a ecolinguística com *Couto* (2007); *Haugen* (1972) e *Sapir* (1969); os letramentos com *Soares*, (2008); *Street* (2014) e a educação do campo com *Arroyo* (1999); *Caldart* (2004), o *Plano Estadual de Educação do Amazonas – PEE/AM 2008-2018*, entre outros. A metodologia de pesquisa adotada será de cunho etnográfico, assim, justifica-se este aporte teórico, visto que o aluno possui inúmeras formas de se expressar e desenvolver sua capacidade linguística contextual. Como instrumentos de pesquisa são utilizados questionários dirigidos, entrevistas e análise de documentos legais que norteiam o ensino da língua na educação do campo. Os resultados até aqui investigados apontam que na educação do campo o ensino de Língua Portuguesa encontra problemas relevantes para efetivar o proposto nas leis e parâmetros educacionais para este contexto, pois há dificuldades extremas em exercer práticas de ensino contextualizadas a realidade rural.

Palavras-chave: Ecolinguística. Educação do Campo. Letramentos. Amazonas.

O TOPÔNIMO CERRADO: CONSIDERAÇÕES ECOLINGUÍSTICAS ACERCA DO TERMO

Kênia Mara de Freitas SIQUEIRA (D – POSLLI, UEG / PPGEL, UFG)

Resumo: Para Quintela (2010), o termo “sertão” como referência ao território goiano deixou de ser usado por volta do início do século passado. Entretanto, convém ressaltar que o termo era usado quase como uma “categoria de pensamento social” ou como “categoria cultural” simbólica referente à porção territorial que compreendia todo o estado de Goiás. Essa “categoria cultural”, nos estudos do imaginário, formava um conjunto de características que remetiam não somente ao espaço físico, mas também ao *locus* cultural goiano. Desaparecido o termo “sertão”, que outro termo o substituiria como referência a Goiás? Segundo Quintela (2010), a extinção do *locus* “sertão” é, diretamente proporcional, à consolidação do termo “cerrado” como um dos símbolos do espaço goiano. Assim, o objetivo deste estudo se constitui na esteira histórico ecológica que direciona como o termo “cerrado” deixa de ser usado como modificador como em “campos cerrados”, “bioma cerrado, domínio cerrado” (COUTINHO, 2002), para assumir funções nominiais referenciais, ou seja, passa a designar, além do bioma cerrado propriamente dito, todo espaço rural goiano, ainda que esses lugares não apresentem as características de “savana floristicamente rica”; nem o bioma de fitofisionomias savânicas. Na verdade, “cerrado” ultrapassa esses limites fitofisionômicos para abranger outras feições morfológicas e climáticas. Enfim, outras condições ecológicas para se consolidar como elemento identitário goiano usado como topônimo. Este estudo pauta-se na proposta ecossistêmica de análise linguística, pois se fundamenta na inter-relação língua e ambiente mental ou físico representados no tripé língua (L), população (P) e território (T). O estudo retoma a discussão sobre uma identidade cerratense, (de *Homo Cerratensis*, termo criado por Paulo Beltran), que simboliza o habitante deste território, fruto ou não do amalgama cultural do português, do índio e do negro, cujos conhecimentos evidenciam as identidades do povo goiano vinculadas ao topônimo “Cerrado”.

Palavras-chave: Ecossistema. Toponímia. Ambiente.

CINE HOLLIÚDY: O FALAR CEARENSÊS, UMA COMUNIDADE DE FALA

Maria Lucimar Vieira BEZERRA (D-SEDUC/CE)
Ângela Maria Onofre da Silva LIMA (D-SEDUC/CE)
Francisco José Assunção da SILVA (D-SEDUC/CE)

Resumo: O presente trabalho vem a refletir a respeito do uso das expressões *Cearensês* tendo como princípio o da diversidade lingüística e a relação entre a língua e o ambiente (comunidade). Sendo o objeto de estudo desta pesquisa uma análise das expressões *cearensês*, apresentadas no filme *Cine Holliúdy (2012/2013)*, analisando-as sob a perspectiva da *Comunidade de Fala*, de *Ecolinguística* e lúdica pedagógica. Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica utilizado como amparo teórico, os seguintes autores: Couto (2007) e Trask (2011), entre outros.

Palavras-Chave: ecolinguística. Comunidade de fala. Cine holliúdy. Cearensês.

26 de junho de 2018 – Sessão de comunicações (14:00 – 15:45)

ETNOTERMINOLOGIA DOS DISCURSOS DE PUXADORES DE OSSOS/DESMENTIDURAS MUNDURUKÚ EM SUA INTERFACE ECOLINGUÍSTICA

Nathalia Martins Peres COSTA (D)
Dionei Moreira GOMES (D – UnB)

Resumo: Neste trabalho, apresentamos evidências de que o discurso especializado dos puxadores de ossos ou desmentiduras do povo Mundurukú constitui parte da Etnoterminologia do Sistema de Cura e Cuidados Mundurukú, ao mesmo tempo em que ressaltamos a aplicação dos postulados da Etnoterminologia e sua constituição como parte da Ecolinguística. Consideramos que a Ecolinguística está alinhada a uma perspectiva pós-moderna de ciência, é inter e transdisciplinar, é holística e avança além dos padrões positivistas e cartesianos de ciência; é a nova ciência, é voltada para um cuidado à diversidade linguística e às inter-relações dentro e fora da língua que compõem um todo linguístico e que constituem a própria essência e fundação das línguas. Por isso, a Ecolinguística acolhe a Etnoterminologia, que consiste no estudo específico de discursos especializados e dos termos que os constituem (COSTA & GOMES, 2013). A etnoterminologia está presente em contextos extra-acadêmicos, como aquele em que se dão os conhecimentos sobre torções, luxações, ossos quebrados dentre outros saberes milenares dos puxadores do povo mundurukú. A Etnoterminologia proposta por nós respeita a diversidade étnica e a leva em conta para perceber a existência de saberes e técnicas com alto grau de especialização nas sociedades tomadas erroneamente, na perspectiva clássica de ciência, como desprovidas de conhecimentos científicos e técnicos. Nesse contexto, a Etnoterminologia e a Ecolinguística demonstram o respeito à diversidade de terminologias e um caminho que visa à convivência harmônica entre esses saberes, respeitados os ambientes de cada povo, sua língua e suas relações territoriais. Os dados gerados em entrevistas abertas e semiestruturadas com os puxadores comprovam existência de etnoterminologias nos seus discursos especializados, bem como sua vinculação às relações estabelecidas ao longo do tempo entre esses saberes e todos os componentes do estilo de vida mundurukú.

Palavras-chave: Etnoterminologia. Puxador Mundurukú. Ecolinguística.

MODELO CONCEPTUAL ECOLINGÜÍSTICO BASADO EN LA TEORÍA GENERAL DE SISTEMAS (TGS): UNA PROPUESTA.

Celia Rosa GONZÁLEZ ESTAY (PG - Universidad Arturo Prat, Iquique-Chile)

Resumo: El objetivo de este artículo es presentar un modelo conceptual ecolingüístico como una propuesta para una comprensión ecolingüística, basado en la Teoría General de Sistemas de finales de la década de los sesenta (Bertalanffy, 1989), y resignificar el concepto de *oikos* en la teoría ecolingüística (Couto, 2007), considerando un arquetipo cultural como anclaje para la interpretación ecolingüística.

Palabras claves: Teoría general de Sistemas. Oikos. Ecolingüística. Modelo conceptual Ecolingüístico

O RIO E O PESCADOR: UMA ANÁLISE DO MEIO AMBIENTE NATURAL DA LÍNGUA NA LENDA DO CABEÇA DE CUIA

Naziozênio Antonio LACERDA (D – UFPI)

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar o meio ambiente natural da língua na lenda do cabeça de cuia, considerando o ecossistema natural da língua, na perspectiva da ecolinguística. A pesquisa fundamenta-se teoricamente nos estudos de Couto (2007, 2009 e 2013) sobre ecolinguística, ecossistema natural da língua e meio ambiente natural da língua; de Dion (2008) e Oliveira (2018) sobre lendas; e de Magalhães (2011) e Holanda (2013) sobre a lenda do cabeça de cuia. Adota-se uma abordagem qualitativa de pesquisa, seguindo-se a ecometodologia em uma visão holística e delimitando-se o ecossistema natural da língua como objeto de estudo. Os resultados da análise revelam que na linguagem da lenda do cabeça de cuia se manifesta o meio ambiente natural da língua, constituído pela inter-relação entre o povo (P) e o território (T). O povo (P) é representado por Crispim (pescador e personagem principal que se transforma no cabeça de cuia), sua mãe, os pescadores do rio e as sete virgens de nome Maria que seriam devoradas pelo monstro. E o território (T) é a descrição geográfica do rio Parnaíba, lugar onde surgiu a lenda, mais especificamente no trecho que recebe o afluente Poti, formando o encontro das águas, no bairro Poti Velho, zona norte de Teresina, Piauí.

Palavras-chave: Ecolinguística. Meio ambiente natural da língua. Lenda do cabeça de cuia.

PESQUISA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DOS IMPACTOS DO TCC NO CURSO DE LETRAS-INGLÊS DA UFPI EM UMA PERSPECTIVA ECOLÓGICA

Francisco Wellington Borges GOMES (D - UFPI/UESPI/ PG - UnB)

Resumo: A reformulação do Projeto Político-Pedagógico do Curso de Letras Inglês da Universidade Federal do Piauí, em 2010, teve como principal objetivo atender às necessidades e expectativas da comunidade por um curso de formação de professores que pudesse fundamentar uma proposta de educação para a vida e para o mundo do trabalho. Para tanto, naquele ano foi inserido como componente obrigatório o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Iniciado efetivamente com os alunos ingressantes em 2011, o currículo passou a contar com 3 disciplinas especificamente dedicadas para a produção do TCC, além da exigência da produção e defesa de projeto de pesquisa e artigo acadêmico na língua inglesa. A inserção desse novo elemento no ecossistema (EICHLER, 2005), que constitui o ambiente natural do referido curso, não demorou a gerar efeitos sobre a população, dentre eles eventos que caracterizavam um estado de desequilíbrio ecológico (ODUM, 1953), marcado por diversos conflitos entre alunos e professores e que tinham como ponto central diferentes perspectivas sobre a relevância e a execução das atividades de produção de TCC. Com o passar do tempo, entretanto, uma tendência para a estabilidade daquele ecossistema também se tornou perceptível. Nesta comunicação apresento os resultados de uma investigação conduzida com 3 turmas de alunos egressos do curso de Letras-Inglês da UFPI sobre esse processo de desequilíbrio-estabilização, assim como sobre o impacto do TCC na formação acadêmica e profissional dos sujeitos. Os dados foram coletados por meio de questionários, entrevistas e relatos críticos. Os resultados indicam que a inserção da prática da pesquisa acadêmica na formação dos alunos, apesar do conflito inicial, promoveu gradualmente a percepção dos alunos sobre a relevância da nova situação mediada, contribuindo para a redução de conflitos e para a estabilização harmônica das relações entre os componentes da população.

Palavras-chave: Trabalho de Conclusão de Curso. Formação de professores. Equilíbrio e desequilíbrio ecológico.

A ECOETNOGRAFIA COMO PROPOSTA DE POSTURA METODOLÓGICA

Roberta Rocha RIBEIRO (D – UFG, Regional Goiás)

Resumo: A Ecoetnografia é uma postura de paradigma metodológico [denominada de postura ecoetnográfica] cunhada no âmbito da minha tese de doutorado (RIBEIRO, 2017). Cumpre ressaltar que, neste estudo, analisei a transitividade do discurso sobre o parto de mulheres quilombolas/kalungas do Vão de Almas-GO revelando letramentos. E a postura ecoetnográfica foi concebida para sedimentar a Etnografia de uma pesquisa linguística vivenciada em uma comunidade quilombola. Basicamente, a Ecoetnografia é inspirada em pressupostos da Etnografia (FLICK, 2009; ERICKSON, 2004; ZAHARLICK & GREEN, 1991; THOMAS, 1999; SOUSA, 2006) e da Ecolinguística (COUTO, 2007; ARAÚJO, 2014). Essa perspectiva foi adotada pelo fato das concepções de território, ecossistema da língua e suas relações com as/os falantes contribuírem para uma visão mais sensível da análise linguística desenvolvida na tese, aliando sintaxe, discurso e letramentos. Em outras palavras, o olhar etnográfico encontrou suporte na Ecolinguística para o desenvolvimento tanto metodológico (da geração de dados) quanto analítico (na percepção e compreensão do fenômeno linguístico pesquisado). Nesse sentido, a Ecoetnografia abarcou os seguintes procedimentos: i) reconhecimento ético da comunidade pesquisada; ii) idas periódicas a campo; iii) convivência integrada entre pesquisadora e colaboradoras/es [até aqui, os procedimentos são inerentes à Etnografia]; iv) reconhecimento dos espectros sociais, históricos, culturais, territoriais e linguísticos da comunidade; e v) registro das possíveis influências que o meio ambiente tem nas/os falantes [já os procedimentos iv e v encontram-se embasados na Ecolinguística]. Em suma, o presente trabalho objetiva apresentar a Ecoetnografia tecida em Ribeiro (2017) e mostrar que este conceito está em construção, podendo ser utilizado em estudos de natureza sociopolítica de registro e de análise linguística e social.

Palavras-chave: Ecoetnografia. Postura ecoetnográfica. Paradigma metodológico.

ALSACIA E MARTINICA: OS CONTATOS QUE ORIGINARAM O ATUAL CENÁRIO LINGUÍSTICO FRANCÊS

Pedrita Mynssen MELLO (PG- UFRJ)

Resumo: O presente trabalho visa comparar duas formações linguísticas regionais distintas no atual território da República Francesa, considerando tanto o “Hexágono” quanto seus territórios “além-mar”; a primeira é a atual região da Alsácia, fronteira com a Alemanha, e a segunda o atual departamento ultramarino da Martinica, uma ilha localizada entre o mar do Caribe e o oceano Atlântico. Ambas regiões preservam, em diferentes proporções e contextos, sua língua regional, sendo elas o *alsacien* e o *créole martiniquais*. Foram comparados os contatos que originaram as duas línguas apontadas com base em dados populacionais, localidade, políticas linguísticas regionais, políticas educacionais, a situação hierárquica dessas e outras línguas existentes nessas comunidades e como se comportaram sob a política linguística nacional desde a Revolução de 1789. Ao tratar a formação dessas línguas, devemos analisar a formação do povo que a fala: a Alsácia foi formada a partir das “grandes migrações” dos povos germânicos nos séculos V e VI e dois deles ainda estão bem presentes na região assim como quatro línguas que juntas caracterizam modernamente o *alsacien*. De outro lado, temos a Martinica: a colonização francesa na ilha começou simbolicamente em 1635 e até final do século XVIII o tráfico de escravos ainda era bem marcante e afirma-se que tivessem até treze nações africanas diferentes convivendo entre si. Mesmo sendo ambas provenientes de contatos de povos, o crioulo da Martinica se encaixa perfeitamente nos critérios para ser considerada uma língua crioula, entretanto, por questões puramente extralinguísticas, o alsaciano não pode. Poderíamos ponderar a respeito da *não existência de crioulos*, mas sim de processos *históricos e culturais de criouliização*? A reflexão traz essa disparidade fundamentada em Calvet (2003) e (1996), Chauderson (1989), Couto (2003) e (1996) e Guisan (1998).

Palavras-chaves: Línguas crioulas. Contatos. Identidades e Políticas linguísticas.

26 de junho de 2018 – Sessão de comunicações (16:00 – 18:00)

A ETNOTOPONIMIA DOS NOMES DOS DISTRITOS DAS PROVÍNCIAS DE GAZA E MAPUTO: UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE ECOLINGUISTICA

Alexandre António TIMBANE (Universidade de Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira - UNILAB)

Resumo: Moçambique é um país plurilíngue onde convive o português (como línguas oficial) e 17 línguas bantu (Ngunga; Faquir, 2011) padronizadas ortograficamente em 2008. O português não é língua materna para a maioria da população e é falado por pessoas escolarizadas e/ou por aquelas que moram na cidade. A língua xichangana pertence ao grupo bantu e é a 2ª mais falada e se modifica devido ao contato linguístico (Timbane, 2012). A atribuição do nome não é aleatória nas tradições bantu e está ligada ao ambiente, à cultura e aos contextos ambientais em que a “comunidade de fala” (Couto, 2016, p.231) está inserida. A mente é um fator ecológico (Mufwene, 2016) porque é onde se depositam os traços e os significados sociais, isto é, “é o *locus* da existência e competição entre línguas” (Weinreich, apud Mufwene, 2016, p.490). A pesquisa questiona quais os processos ecolinguísticos e etnotoponímicos que estariam ligados à atribuição de nomes no grupo linguístico tswa-ronga. A pesquisa objetiva conhecer e explicar as influências do xichangana na atribuição dos nomes dos distritos e discutir como os nomes dos distritos se ligam à cultura e ao meio ambiente. É uma pesquisa do campo que coletou nomes de distritos (7 para Maputo e 14 para Gaza). A escolha das províncias se justifica por pertencer ao mesmo grupo linguístico e possuir traços histórico-culturais comuns. Da pesquisa se conclui que os nomes são uma identidade ecolinguística e carregam traços da cultura e do meio ambiente da comunidade tsonga. Os nomes fazem referência ao respeito, aos fenômenos naturais, ao poder do chefe dominante. Conclui-se que houve adaptação ortográfica dos nomes originais, integrando-se a ortografia latina. Houve uma integração fonológica na maior parte dos nomes atitude que refletiu na grafia dos mesmos e esse fenômeno ocorreu inclusive nos nomes próprios e sobrenomes que são identidade ecolinguístico do grupo em que os indivíduos pertencem.

Palavras-chave: Etnotoponímia; Identidade ecolinguística; Grupo Tsonga.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO ECOSISTEMA DE UM AVA

Andreia TUROLO-SILVA (D – UFC)

Resumo: Com base na hipótese de que a percepção das oportunidades de agir está intrinsecamente relacionada ao ambiente, este estudo convoca a teoria do desenvolvimento humano proposta por Bronfenbrenner (1977, 1994), que propõe estudar ambientes como ecossistemas aninhados, para verificar como a construção da identidade, ou identidades, dos participantes de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), conforme percebem, agem e interagem com o ambiente e uns com os outros, impacta seus comportamentos na direção de favorecer a aprendizagem de inglês como língua estrangeira. As identidades foram estudadas nas suas relações tanto sociais quanto com o ambiente, caracterizadas pela adaptação mútua (*soft-assembly*), de uma perceptiva dinâmica em que essas relações estão em constante mudança, conforme vem sendo discutido da perspectiva social, semiótica e complexa por Lam e Kramsch (2002), Zoltan Dornyei e Ema Ushioda (2009). O AVA foi descrito como um conjunto de sistemas aninhados (microsistema, mesossistema, exossistema e o macrosistema), o que permitiu evidenciar as oportunidades de ação percebidas pelos participantes, além das limitações e restrições. No microsistema, onde os participantes de fato se faziam presentes uns perante aos outros em interação interpessoal, foi possível observar as lincagens de suas ações com o exossistema, que triangularam com as identidades transportadas para o ambiente. Destacaram-se as seguintes: o aluno EaD (Educação a Distância); o trabalhador; o aluno professor; o genitor; o filho; o tutor professor; o tutor amigo. O estudo mostrou que o reconhecimento das identidades, conforme eram reivindicadas pelos participantes quando transportadas para o microsistema, era fundamental para a continuidade das ações de ensino aprendizagem propostas no ambiente, o que também as legitimava, conforme ressonavam dentro de um macrosistema amplo.

Palavras-chave: Comunicação Mediada por Computador. Identidade. Ambiente Virtual de Aprendizagem.

OS CONTATOS LINGUÍSTICOS NO ES: A HISTÓRIA DO VÊNETO EM SÃO BENTO DE URÂNIA, ALFREDO CHAVES

Katiuscia SARTORI SILVA COMINOTTI (PG – UFES)

Resumo: A língua portuguesa falada em grande parte do Espírito Santo se caracteriza pelo contato com diversas línguas, faladas sobretudo por imigrantes que ajudaram a constituir o estado, no século XIX. Nesse contexto, levando em conta que a língua pode ser entendida como um complexo processo que compreende relações naturais, mentais e sociais, a presente pesquisa tem por objetivo descrever como se deu o contato entre a língua vêneta e o português na pequena comunidade rural de São Bento de Urânia, colonizada por imigrantes vênets, numa visão dinâmica da língua, partindo do princípio de que ela é um sistema que mantém inter-relações entre os indivíduos e seu meio social. Para isso, procedemos a uma observação participante e realizamos entrevistas nas zonas rurais de Alfredo Chaves, com o intuito de demonstrar tanto os usos sociais do vênets como também a atuação dessa língua nas inter-relações entre os membros da comunidade. Os resultados, analisados sob a perspectiva da teoria sociolinguística, especialmente do Contato Linguístico, evidenciam que a substituição da língua vêneta se deu em decorrência do crescente contato entre os descendentes de imigrantes e os brasileiros, de acordo com a Lei da Terceira Geração; da política nacionalista de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo; e do preconceito que envolve os falantes de uma língua minoritária (COMINOTTI, 2015). Dessa forma, nossos estudos confirmam o que falam os autores do Contato Linguístico (cf. WEINREICH, 1970 [1953]; APPEL; MUYSKEN, 1996; BAKER; JONES, 1998; COUTO, 2009; MONTRUL, 2013; etc.) sobre a importância dos fatores subjetivos para a manutenção ou a substituição de uma língua de imigração em contato com a majoritária no país hospedeiro.

Palavras-chave: Contato linguístico. Ecolinguística. Vênets. Português.

ESTUDO DA COMUNICAÇÃO ESCRITA MEDIADA POR COMPUTADOR À LUZ DA TEORIA DA COMPLEXIDADE

Andreia TUROLO-SILVA (D – UFC)

Resumo: Com objetivos de lançar luzes à interação interpessoal escrita online para buscar outros modos de descrever e analisar essa interação, este estudo propõe abordar a interação mediada pelo computador como um sistema dinâmico complexo. A base teórico-metodológica deste estudo resulta de um recorte transdisciplinar entre a teoria da complexidade e a análise da conversa. A teoria da complexidade ofereceu subsídios para entender os modos pelos quais os atratores e os repelentes influenciaram a trajetória da interação em chats. Com base na análise da conversa, foram identificadas as sequências discursivas e as ações dos participantes em uma escala de tempo, evidenciando os níveis de organização social em cada momento da interação. As descobertas mostraram que, dadas as condições iniciais favoráveis, a interação era atraída para a sequência discursiva I-R-F e permanecia nessa “bacia” em estabilidade dinâmica. Uma força entrópica pode ser observada nos momentos que os participantes alcançavam concordância sobre o tópico em discussão, ou quando algum tipo de perturbação externa, tais como problemas técnicos com softwares, aplicativos ou serviço de internet, impactava a interação que, então, abria-se para receber nova energia, o que se dava pela inserção de uma nova pergunta do professor ou pela inserção de um mencionável ainda não mencionado (SCHEGLOFF & SACKS, 1973) pelos alunos. Essa nova energia atraía o sistema para uma nova paisagem de estabilidade. Quando a inserção de perguntas ou mencionáveis não acontecia nos momentos de entropia, a interação era levada à cessação. As descobertas do estudo incluem uma tipologia de atratores identificados na paisagem da trajetória da interação e os resultados mostram que o entendimento da interação com um olhar transdisciplinar entre a teoria da complexidade e a análise da conversa permite evidenciar aspectos não facilmente observados no estudo da interação apenas com base na análise da conversa.

Palavras-chave: Comunicação Mediada por Computador. Análise da conversa. Teoria da complexidade.

PALAVRA SOLTA: O VOCABULÁRIO EMPREGADO POR DETENTOS NO COMPLEXO PENITENCIÁRIO DA PAPUDA/DF

Alessandro Rezende da SILVA (D - ISCP/DF)

Gilberto Paulino de ARAÚJO (D - UFT)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo investigar alguns aspectos linguísticos do vocabulário empregado por detentos do Complexo Penitenciário da Papuda, localizado no Distrito Federal. O estudo tem como base gírias/expressões, isto é, o código próprio utilizado no ambiente carcerário pelos aprisionados a fim de manter a comunicação, evitar interferências por parte do sistema de vigilância e, sobretudo, como medida de garantia de seu bem-estar físico no presídio. A metodologia apoia-se numa abordagem qualitativa (CHIZOTTI, 2006), resultante do levantamento e da descrição dos termos (acompanhados de seus significados) em pauta. Do ponto de vista teórico, a Ecolinguística (COUTO, 2007; COUTO, H.; COUTO, N., 2011) fundamenta a pesquisa, sendo os conceitos de *antilíngua* (HALLIDAY, 1976; COUTO, H.; COUTO, N., 2011) e *identidade* (HALL, 2011; CASTELLS, 2003) adotados para subsidiar a análise em tela. Observou-se que o domínio de um número considerável de termos deste "vocabulário da prisão" pelos encarcerados possibilita não somente a interação entre os pares como a própria sobrevivência neste ambiente.

Palavras-chave: Ecolinguística. Antilíngua. Identidade. Prisão.

A ECOLINGUÍSTICA E O ESPAÇO URBANO: UMA ANÁLISE DE FACHADAS COMERCIAIS DA CIDADE DE GOIÂNIA (GO)

Natália de Paula REIS (PG/UFG)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do COUTO (D/UFG)

Resumo: Nas palavras de Massimo Cavenacci (1993) a cidade é o lugar do olhar e por isso tem a comunicação visual como traço característico. Nesse contexto, este trabalho tem por objetivo analisar paisagens linguísticas da cidade de Goiânia-Goiás, dando ênfase nos recursos ecolinguísticos de fachadas comerciais desse espaço urbano. Fundamentam este estudo os trabalhos de Gorter (2006), Gorter e Shohamy (2009) e Blommaert (2013) sobre as noções de paisagem linguística e as pesquisas ecolinguísticas de Couto (2011, 2017), Nenoki do Couto & Busnardo Filho (2017), dentre outros. O *corpus* se constitui de registros fotográficos de fachadas comerciais localizadas em duas diferentes regiões da cidade de Goiânia, uma mais central e outra mais periférica. Tendo em vista a relação entre MA mental, social e natural e a noção de diversidade linguística propostos pela Ecolinguística, observamos que além da existência de padrões de idiomas e/ou de escrita, o espaço urbano se configura também a partir de estruturas mentais, sociais, culturais e políticas. A análise das fotografias nos permitiu reconhecer ainda a diversidade linguístico-cultural presente nas paisagens linguísticas investigadas. Logo, salientamos o caráter multi/translúgüe da cidade de Goiânia, e principalmente, a apropriação de línguas hegemônicas nos textos das fachadas, sinalizando ainda, o pensamento colonial presente na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Paisagem linguística. Fachadas comerciais. Diversidade. Ecolinguística.

27 de junho de 2018 – Palestra

LÍNGUA MUNDURUKU, PAJÉS E AMAZÔNIA BRASILEIRA: DIÁLOGOS ENTRE A ETNOTERMINOLOGIA E A ECOLINGUÍSTICA

Dioneý M. GOMES (D – UnB)

Resumo: Nos últimos anos, temos pesquisado a terminologia presente nos discursos de pajés, parteiras, puxadores de desmentiduras e professores/as do povo indígena brasileiro Munduruku (Costa e Gomes, 2011, 2013 e 2015; Costa, 2013 e 2017; Gomes e Ferreira; 2012, 2015 e 2017; Ferreira, 2013). Vivendo na Amazônia brasileira há séculos, esse povo – como os vários outros que aí habitam – são a prova viva de que é possível viver em harmonia com a natureza e, principalmente, desenvolver conhecimento especializado em diversos campos do saber. Nesta apresentação, focaremos na análise linguística dos discursos de especialidade dos pajés, trazendo à tona o rico conhecimento presente no sistema de cura e cuidados Munduruku. Esse conhecimento é próprio dessa etnia, fundado em seus princípios culturais e, principalmente, em seus princípios e meios ecológicos. Por isso, temos defendido a existência de etnotermos que compõem uma rede etnoterminológica própria do povo, língua e território Munduruku. A Ecolinguística tem um importante papel nessa pesquisa e contribui sobremaneira na elaboração da epistemologia e da metodologia da Etnoterminologia como área que estuda os discursos de especialidade nas formas de manifestação do saber local e dos conhecimentos ecológicos tradicionais de diferentes comunidades.

**27 de junho de 2018 – Mesa-Redonda III: Análise do Discurso
Ecológica/Ecológica (ADE)**

**UM ESTUDO SOBRE O CORPO NA REVISTA BOA FORMA SOB A
PERSPECTIVA DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA PROPOSTA NA ADE**

Cláudia Borges de Lima ARAÚJO (PG – UFG)

Resumo: Levando em consideração o crescimento dos cuidados com o corpo feminino na sociedade contemporânea e a exposição em diferentes tipos de mídia, este artigo tem como objetivo investigar como se dão as interações discursivas entre a *Revista Boa Forma*, a leitora e os efeitos de sentido produzidos pelas imagens, bem como os textos que as acompanham. Para tanto, escolhemos como corpus de análise, uma matéria da seção *Fitness + Esportes* da Revista Boa Forma do ano de 2017, intitulada *#SeisMesesEmForma*. A coleta de dados se deu por meio da investigação da reportagem sobre uma leitora frente a um desafio proposto. Os resultados apontam para uma interação entre a revista e a leitora os quais vão além do periódico, modificando assim, o comportamento da leitora. Como aporte teórico, serão abordados conceitos da Ecologia da Interação comunicativa, proposta na Análise do Discurso Ecológica (COUTO, 2015).

Palavras-chave: Corpo feminino. Saúde. Discurso. Interação.

UMA ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICO SOBRE A PRÁTICA DA EXCISÃO NA ÁFRICA OCIDENTAL

Djiby MANÉ (D - LEdoC/ UnB/ FUP)

Resumo: O corpo humano sofre muitas mutilações por modismo ou conforme as crenças de uma sociedade. Entre essas mutilações, podemos citar a tatuagem, circuncisão, excisão. Apesar do sofrimento que causam, elas constituem, e em graus variados, elementos importantes na socialização das pessoas, bem como na construção social das identidades dos membros de uma comunidade. Tradicionalmente conhecida pelo termo “circuncisão feminina”, em oposição à circuncisão propriamente dita, reservada para os homens, a excisão passou a ser chamada “Mutilações Genitais Femininas” - MGF. É um procedimento cirúrgico rudimentar da prática ancestral que envolve a remoção parcial ou total dos órgãos genitais femininos. Ela é praticada tradicional e clandestinamente em bebês de alguns dias de vida, em meninas de 7 a 10 anos, e em adolescentes, bem como em mulheres adultas. As consequências dessa prática são sofrimentos físico, psicológico e mental. Afinal, por que perpetuar uma prática tão prejudicial à saúde das vítimas? Segundo Couto (2015, p. 74), “a ideologia ecológica defende a vida na face da terra com unhas e dentes, e luta contra tudo que possa trazer sofrimento, mas sem violência, *à la* Gandhi”. Para lutar contra qualquer tipo de sofrimento, muitas mulheres, feministas, familiares de vítimas estão levantando a voz para denunciar essa prática odiosa, que continua se perpetuando clandestinamente em nome da tradição. Assim, esta comunicação consiste em fazer uma análise ecológica de discursos de vítimas da prática da excisão na África ocidental. Os dados para essa análise foram colhidos em Behrendt (2006), em seu trabalho *Traditions et Droits: L’excision en Afrique de l’Ouest*. Além de relatar o sofrimento de mulheres que já passaram por esse procedimento cirúrgico, esses dados mostraram duas Áfricas: uma moderna, que quer uma abolição total da prática da excisão e a outra conservadora, que luta para preservar as tradições e geralmente na clandestinidade.

Palavras-chave: Excisão - Mutilações - Mulher - Sofrimento.

LÍNGUA, CULTURA E CERVEJA: UM ESTUDO ECOLINGUÍSTICO DE RÓTULOS DE CERVEJA ARTESANAL

Zilda DOURADO (D - NELIM/ UEG, Campus Quirinópolis)

Resumo: o presente trabalho tem como objetivo geral descrever e analisar as relações entre língua e cultura em rótulos de cervejas artesanais produzidas no Brasil. A seleção do corpus será feita pela lista de cervejas artesanais publicadas no livro “Brasil Beer – o guia de cervejas brasileiras” e por perfis na rede social Instagram de cervejarias brasileiras com mais de mil seguidores. A análise das relações entre língua e cultura nos rótulos dessas cervejas será feita sob o viés da Ecolinguística, teoria que estuda as interações entre língua, povo e território em seus meios ambientes mental, social e natural, conforme Couto (2016). O conjunto dessas interações compõem o ecossistema linguístico que, segundo Couto (2017), está inserido no Ecossistema Cultural. Por isso, para a Ecolinguística, a língua é um componente importante de transmissão, manutenção e atualização de uma cultura. Esse trabalho também irá trazer as contribuições da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (2002), que estuda as motivações simbólicas que sustentam as criações humanas por meio das imagens simbólicas do imaginário. Assim, esse trabalho pretende analisar como se dão as relações entre língua e cultura nos rótulos de cerveja interpretando seus aspectos mentais, naturais e sociais. Os resultados preliminares demonstram a grande influência do lugar onde foi criado o estilo da cerveja (Pilsen, Pale Ale, etc) na criação dos nomes dessas bebidas. Os rótulos também apresentam símbolos que evidenciam um imaginário de determinada marca de cerveja. Por tudo isso, reconhece-se que os rótulos de cervejas artesanais brasileiras podem compor um imaginário de cada estilo de cerveja que se atualiza por meio da língua, da receita e do rótulo. Trata-se de uma visão brasileira para cada estilo de cerveja, como se apresenta nos nomes e nos rótulos.

Palavras-chave: Língua. Cultura. Ecossistema Cultural. Cerveja artesanal.

**DE LA NATURALEZA A SU MESA:
EL REFERENTE AUSENTE EN EL CONFLICTO CRESTA ROJA**

Diego FORTE (PG – UBA)

Resumen: Como Adams (1990: 27) señala, la industria alimenticia niega identidad a los animales no humanos, fragmentándolos y convirtiéndolos en un referente ausente. De esta forma, los signos que aluden a ellos y se convierten en metáforas que alejan el significado de su referencia original. Este trabajo se propone analizar la construcción discursiva de los animales realizada por los trabajadores de la planta avícola *Cresta Roja* y los periodistas del canal de noticias *C5N* en la emisión del programa *El Diario* del día 7 de junio de 2016, en el cual se aborda la situación planteada por el conflicto y se entrevista a varios participantes.

El análisis se inscribirá dentro del marco teórico del Análisis Crítico del Discurso desde una perspectiva de análisis multimodal, adoptando la propuesta de la Semiótica Social de Hodge y Kress (1988, 2017) y utilizará las herramientas propuestas por estos autores (1979), para la asignación de papeles temáticos y descripción de procesos en el material verbal, junto con los elementos sistematizados por Kress y van Leeuwen (1996) para el análisis de imágenes además de las herramientas propuestas por Ekman (2003) para expresiones faciales.

Partiremos de la hipótesis de que la ausencia del referente no humano posibilita la transferencia de signos de los animales no humanos a los humanos, borrando a los primeros de la descripción del conflicto.

Palabras clave: Especismo. Semiótica Social. Referente Ausente. Expresiones faciales.

27 de junho de 2018 – Sessão de comunicações (10:45 – 12:00)

UM ESTUDO MULTIDISCIPLINAR: PENSANDO AS INTERFACES ENTRE ECOLINGUÍSTICA, ETNOCIÊNCIAS E ETNOMEDICINA

Natália de Paula REIS (PG - UFG)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo discutir as interfaces entre Ecolinguística e Etnociências, bem como de que maneira os estudos etnocientíficos tem contribuído para esse paradigma ecológico de linguagem. Pretendemos ainda pensar as relações ecossistêmicas do homem com o meio ambiente, com ênfase nas interações homem-plantas medicinais, preconizadas tanto pelos estudos em Ecolinguística como em Etnomedicina. Como fundamento teórico, utilizamos os postulados ecolinguísticos de Nenoki do Couto (2012) e Couto (2007, 2013), e as abordagens sobre etnociências e etnobotânica de Martin (1995), Amorozo (1996), Little (2010), Araújo (2014), e outros. Para traçar nossas discussões, partimos de trechos de fala de um raizeiro da cidade de Nova Glória-Goiás. A partir das reflexões delineadas no decorrer do trabalho foi possível perceber que é inegável a relação entre Etnociências e Ecolinguística, posto que ambas as disciplinas além de serem multidisciplinares, prezam a defesa da diversidade biológica, cultural e linguística dos povos tradicionais. Desse modo, acreditamos que essas disciplinas “*etno-*” devem se sobressair nos estudos ecolinguísticos principalmente por serem consideradas áreas privilegiadas para se estudarem as relações entre língua e meio ambiente.

Palavras chave: Ecolinguística. Etnociências. Interação homem-plantas medicinais.

DIVERSIDADE LEXICAL E PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Lidia Amélia de Barros CARDOSO (D - UFC)

Resumo: Kramersch (2008) identifica cinco importantes áreas convergentes entre a perspectiva ecológica e aquisição e uso da língua que podem ajudar a elucidar questões no âmbito do ensino e aprendizagem em língua estrangeira. O aspecto fractal sendo aquele que se ocupa em observar os padrões de atividades e eventos que são auto-semelhantes em diferentes escalas incluindo as relações sociais entre falantes nativos e não-nativos. Este estudo traz, a partir do ponto de vista de linguistas quantitativos, o construto diversidade lexical proposto por Jarvis (2013a, 2013b) para discutir aspectos de proficiência em produções escritas. Nesta dimensão, diversidade é assumida como uma questão de frequências estatísticas envolvendo tipos e símbolos, ou, em termos de taxa de repetição de itens lexicais. Com o objetivo de avaliar a dinamicidade dos níveis de proficiência, uma análise (ANOVA) de 129 produções textuais de aprendizes de Português como língua adicional, investigou os índices de variabilidade (TTR) e diversidade lexical (MTLD) encontrados. Os resultados sugerem variações nos índices TTR e MTLD apenas entre as produções escritas desenvolvidas sob diferentes temas, não sendo significativas na comparação entre os níveis de proficiência ou entre as diferentes línguas nativas dos aprendizes. As implicações do estudo apontam para a proposição de uma árvore de representação do conhecimento lexical de aprendizes multilíngues, apoiada por noções embrionárias de Nation e Webb (2011). Procuramos corroborar com a visão de ecologistas no entendimento da diversidade como um fenômeno multidimensional, que não é facilmente medido, mas com potencial para elucidar algumas questões nos estudos do léxico. A pesquisa encontra apoio em estudos de padrão de conhecimento lexical de Cobb (2003), Engber (1995), Hulstijn (1996, 2001, 2011, 2015), Laufer (1994, 1998, 2004), Meara (1982, 2006), Milton (2009), Nation (2001, 2004, 2011, 2011) e Read (2004).

Palavras-chave: Diversidade lexical. Níveis de Proficiência. Teoria Ecológica de aquisição de língua.

CONSTRUÇÕES TAUTOLÓGICAS EQUATIVAS: A MANIFESTAÇÃO DA CULTURA NA GRAMÁTICA DA LÍNGUA

Leosmar Aparecido da SILVA (D - UFG/UFC)

Márcia Teixeira NOGUEIRA (D - UFC)

Resumo: Integrada ao Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) e financiada pela CAPES, esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar os aspectos gramaticais, semânticos e pragmáticos das construções tautológicas equativas, produtivas em diversas línguas e codificadas, no português brasileiro, em sentenças como *critério é critério, mulher é mulher, pai é pai*. A hipótese é a de que essas construções servem a uma variedade de propósitos, tais como valorar positiva ou negativamente atitudes, pessoas e objetos, expressar tolerância, reforçar e perpetuar estereótipos culturais concebidos como verdadeiros na relação do sujeito com os ecossistemas físico, mental e social. No que se refere ao quadro teórico-metodológico, a pesquisa assume a perspectiva funcionalista da linguagem, já que, nessa perspectiva, a língua é concebida como interação que se realiza no uso e é analisada de modo integrado quanto ao acionamento dos níveis sintático, semântico e pragmático. Nesse aspecto, há intersecção com a Ecolinguística, que também concebe a língua(gem) como processo de interação. Dada a dinamicidade da construção, foi necessário dialogar também com os estudos da lógica, da argumentação e do discurso. Os dados foram coletados de textos escritos da Internet, tais como artigos de opinião, notícias, músicas, poemas. Os resultados têm revelado que as construções tautológicas são produtivas e discursivamente relevantes, porque cumprem a função de reforçar estereótipos culturais que vão se estabelecendo no discurso como verdades inegáveis e indemonstráveis, à semelhança do que ocorre com os axiomas. Além disso, a pouca complexidade cognitiva e estrutural da construção torna-a de fácil acesso ao ecossistema mental e, nesse sentido, pode ser lembrada e usada com ampla frequência. Trabalhos dessa natureza contribuem para verificar o funcionamento dessas construções no discurso como poderoso recurso para a manutenção de valores culturais adquiridos nos processos interativos.

Palavras-chave: Gramática. Discurso. Construções tautológicas. Ecossistema.

